

O descortinar da História na minissérie *O Quinto dos Infernos*

Michelli Machado (UNISINOS)

Resumo

O artigo busca fazer algumas considerações sobre a mediação da narrativa histórica em minisséries, a partir da construção ficcional de personagens históricas. A densidade psicológica, criada pela ficção, faz com que no encadeamento da história fatos políticos façam sentido a partir da vivência psicológica das personagens. A minissérie **O Quinto dos Infernos** apresenta-se como cenário onde iremos observar a humanização de figuras históricas tendo o humor como pano de fundo para criar uma releitura da história nacional. Autores como Freud e Veyne nos ajudaram a pensar sobre as relações entre humor e história, trazidas à tona para discussão na sociedade através da minissérie.

Palavras-Chave: Minisséries Históricas; Ficção; Humor; Mediação

Abstract

The article wants to show us some considerations about the mediation of historical narrative in miniseries, based in the construction fictional to historical characters. The psychological density, created by fiction, makes the thread of the story make sense political facts from the psychological experience of the characters. The miniserie “**O Quinto dos Infernos**” is presented as a scenario where we will observe the humanization of historical figures with humour as a backdrop to create a reinterpretation of national history. Authors such as Freud and Veyne helped us think about the relationship between humour and history, brought up for discussion in society through the miniseries.

Keywords: Historical Miniseries, Fiction, Humour;

1 Ambientação do Tema

A mediação da narrativa histórica em minisséries de época produzidas pela Rede Globo é a temática que impulsiona a reflexão proposta nesse artigo. A emissora que já produziu 66 minisséries¹ tem em sua trajetória a marca de pelo menos 22 obras históricas, o que equivale a um terço das minisséries já produzidas até então. O eixo que norteia essa pesquisa está ligado à forma com que a narrativa histórica é recriada pela produção das minisséries baseadas em fatos e personalidades históricas, ou seja, a forma como a televisão apresenta a história.

Em um campo tão subjetivo como a comunicação, classificações exatas são uma impossibilidade, mesmo assim tentaremos dividir as minisséries de época em obras históricas e romances. Nas obras históricas o foco da narrativa é um período importante da história nacional ou seu tema central gira em torno de uma figura histórica, ou seja, personagens reais fazem parte da narrativa. Nos

romances de época os textos costumam ser mais literários que históricos, e ainda que a narrativa se constitua num ambiente realista, o foco não está no ambiente, mas no romance narrado pela obra, ou seja, nas personagens ficcionais da trama. Na verdade, em obras históricas há limites na criação do autor, já que alguns fatos históricos não podem ser mudados, apenas contados de outra forma. Desta maneira, elementos históricos interferem na ação dramática, que obedece a registros factuais mínimos, o que não ocorre em romances de época. No entanto, é importante ressaltar que a distinção entre esses dois tipos de produções de época não é nítida e suas fronteiras são tênues.

As minisséries que abordam fatos e personalidades históricas chamam atenção pela regularidade com que são produzidas e exibidas, e pelo interesse despertado pela história a partir de biografias. Sem que seja necessário um estudo de recepção, podemos observar que o que circula na mídia é uma demanda da sociedade e que biografias são uma tendência de nosso tempo.

Se olharmos as obras de ficção baseadas em realidades históricas, veremos que são narrativas de fatos históricos, no presente, a partir de uma visão contemporânea e midiaticizada dos acontecimentos. O diferencial das minisséries históricas dentre as demais obras de ficção é que suas narrativas não buscam só entreter e comunicar, mas também informar sobre determinados fatos da história e fazer pensar sobre essa história, dando ao telespectador a possibilidade de “reviver”, ainda que de forma ficcional, fatos históricos, com uma narrativa envolvente, em que cada capítulo pode se tornar uma nova aventura.

Essa fascinante sensação de colocar-se no lugar do outro, assumindo outra identidade, produzida pelas obras de ficção, se intensifica nas tramas históricas, uma vez que fatos e personalidades reais estão sendo apresentados. Com isso, a imaginação pode levar o telespectador a uma volta ao passado, a partir de um passado construído e ficcional, mas que teve existência concreta. Adayr Tesche (2006) aponta que a sedução das minisséries históricas acontece a partir da ilusão criada, que faz com que por um instante acreditemos ter vivido outra vida, numa milagrosa ampliação da nossa experiência. Ou seja, a experiência vicária provocada por todo tipo de narrativa ganha força e intensidade nas narrativas de época, o que faz com que, segundo o autor, as minisséries televisivas históricas incorporem uma realidade identificável e a submetam a uma remodelação imprevisível.

Diante dessas afirmações, a reconstrução de uma realidade histórica pode fascinar os telespectadores, não só por estar recontando um fato que teve existência real, mas também por possibilitar a sensação de ter vivido outra vida, num outro tempo. Através do trabalho de cenografia e figurino, é possível conhecer lugares e períodos que, antes, poderiam ser apenas imaginados. É como se o telespectador estivesse dentro da minissérie, e já não houvesse mais telespectador e obra, mas uma homogeneidade, uma ligação entre eles.

Segundo Peter Burke (2005), o poder de uma obra de ficção histórica está na sensação que essa provoca no telespectador, de ele ser uma testemunha ocular dos acontecimentos históricos. Esta sensação é ilusória, uma vez que é a representação que está ao alcance do telespectador, e não a verdade histórica, mas uma releitura que pode ser vista como real.

Quando buscamos a recuperação de uma época a partir de uma obra de ficção histórica, é importante observarmos quais motivações levaram uma determinada obra a ser produzida sob certo enfoque. A midiaticização de acontecimentos históricos, em minisséries, é feita através de determinados recursos narrativos, que geram uma realidade ficcional que interfere no entendimento dos acontecimentos e das personalidades históricas relacionadas a esses fatos. Há uma transição dos acontecimentos históricos para as minisséries televisivas, que passa por diversas etapas, até gerar a realidade ficcional que nos é apresentada. A ficcionalização da história e de algumas personalidades faz com que elas sejam ressignificadas pela sociedade com base na ressignificação proposta pela televisão.

2 Apresentando a Minissérie

Exibida em 2002, a minissérie *O Quinto dos Infernos*, que será o cenário de nossas observações, teve 48 capítulos onde apresentou o panorama político cultural da época e recontou a história da chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, passando pela coroação de D. João VI, o dia do Fico e a independência do Brasil, até a morte de D. Pedro I. A obra que começa em 1785, com a chegada a Portugal da princesa espanhola Carlota Joaquina para se casar com D. João VI, acaba em 1834 com a morte de D. Pedro I.

Para escrever a minissérie *O Quinto dos Infernos*, o autor Carlos Lombardi se baseou em obras literárias que abordam de maneira inovadora o período histórico do primeiro Império, como *O Chalaça*, de José Roberto Torero; *A Imperatriz no Fim do Mundo*, de Ivani Calado; e *As Maluquices do Imperador*, de Paulo Setúbal. O enredo da obra mostrou os bastidores da Independência do Brasil, começando com a vinda da família real, passando por suas impressões ao se deparar com o “quinto dos infernos”, até o retorno de D. Pedro I a Portugal, onde vai travar uma guerra com o irmão D. Miguel.

A primeira fase da minissérie apresentou ao telespectador os membros da família real de forma satírica e um Portugal já decadente, paralelamente às primeiras exageradas aventuras do Chalaçaⁱⁱ. O autor da minissérie mostra ao longo da obra cuidados com detalhes históricos, que em princípio são irrelevantes para o entendimento da história, no entanto, colocados no texto para dar realidade à narrativa. Entre os cuidados históricos que a obra apresenta, podemos citar a real admiração de D. Pedro I por Napoleão e o nome do cavalo do imperador: *Artigas*

A imagem de D. Pedro I, ainda que seja muito vinculada a sexualidade pela obra, é sempre positiva. Íntegro, honesto, apaixonado pelo Brasil – ainda que bêbado e mulherengo, como qualquer jovem plebeu da época. D. Pedro I é retratado como apegado à avó, ao pai e até a própria mãe, que é retratada como uma articuladora política que passa a vida tramando contra o marido. Há uma recuperação da profundidade psicológica dessa personalidade histórica, pela inclusão de aspectos compostos como sentimentos e reações contraditórias.

A obra é uma ficção, por isso, às vezes se dá o direito de chegar à comédia rasgada, no entanto, alguns elementos históricos são muito bem representados, ainda que o tom de comédia possa encobrir isso. Alguns detalhes apresentados pela minissérie podem fazer o telespectador não conseguir distinguir sobre o que são fatos históricos, e o que faz parte da imaginação do autor. Um exemplo disso é o apelido de *Demonão*, dado a D. Pedro I por Domitilaⁱⁱⁱ, fato que parece fazer parte de criatividade do autor, mas é histórico, registrado nas cartas trocadas pelo casal na época do romance. Outro cuidado interessante tomado pelo autor é mostrar as fases de D. Pedro I, sem barba, com barba e sem barba novamente, respeitando os registros históricos para fazer essa construção do personagem.

Ainda que demasiadamente satirizados, os personagens são pouco ridicularizados, salvo alguns momentos em que a busca pela comédia coloca a

narrativa histórica de escanteio. D. João VI é mostrado como medroso e glutão (o que já é um clichê em suas representações), mas está sempre bem vestido, é retratado como um homem bom, generoso e um bom pai. Além disso, gosta do Brasil. D. Maria, apesar de louca, tem uma boa relação como o neto (D. Pedro I) e aparece dando a ele conselhos sensatos, em seus momentos de lucidez, dizendo como deve ser um bom rei. D. Carlota, apesar de retratada como uma “devoradora de homens” e conspiradora política, ama o filho e mostra-se nobre e austera em alguns momentos, como quando deixa Portugal para ir embora para o Brasil. Aqui mais uma vez há uma recuperação da profundidade psicológica das personagens mostrando os aspectos antagônicos de suas personalidades, o que acaba por aproximá-las dos telespectadores.

O Quinto dos Infernos é uma obra legitimamente tropical. Muita luz e o colorido das cenas evidenciam o tom alegre da minissérie, a começar pelas cores muito vibrantes dos figurinos e seguindo pela claridade expressa em sua fotografia, mostrando em quase todas as cenas muito sol. Mesmo dramas da época, como a escravidão, são mostrados de forma leve, não tendo muito enfoque na obra, que apesar de ser uma espécie de aventura, com cenas de luta e ação, não tem quase cenas de violência. Nessa obra, todos os personagens fazem tudo: drama, romance, comédia, sexo. Não são exatamente vilões ou mocinhos, mas humanos. O autor usa uma narrativa audaciosa, irreverente e simples de contar ou entender. O próprio elenco se mostra seduzido pela história e pelos personagens. Nos depoimentos dos atores ao final do DVD, Luana Piovani, André Mattos e Érica Vantini são alguns dos integrantes do elenco que comentam sobre o fato de terem se “encantado” pelo personagem de D. Pedro I, representado na obra por Marcos Pasquim. Ou seja, a construção ficcional de um simpático D. Pedro I apresentado pela minissérie fez com que os sentidos produzidos sobre essa figura histórica fossem reconstruídos a partir da mediação da narrativa histórica proposta pela televisão.

3 Densidade Psicológica das Personagens Históricas

A partir do momento em que as personagens históricas passam a “frequentar” nossas casas, diariamente, através das minisséries, elas deixam de ser só nomes e passam a ser “pessoas”, ou seja, deixam de ter importância apenas por

seus feitos históricos e passam a ser apresentados de forma mais complexa, considerando elementos da personalidade de cada um. Essa densidade psicológica faz com que no encadeamento da história fatos políticos façam sentido a partir da vivência psicológica das personagens. Desta forma, o processo de formação das personagens se dá a partir de elementos psicológicos que servem de pontos historiográficos nessa outra forma de “ensinar” história. Neste embaralhamento, conflitos ficcionais e históricos passam a ser debatidos, o que de certa forma possibilita uma releitura dos acontecimentos históricos.

As minisséries históricas se apresentam para a sociedade como outra forma de contar a história, diferente de uma visão tradicional leiga, que, infelizmente, uma grande parcela do ensino de história ainda hoje utiliza e que se limita a uma enxurrada de nomes e datas. Essa forma de contar a história proposta pelas minisséries prioriza o contexto em que os fatos se deram e não apresenta apenas os fatos históricos de forma estanque, mas busca mostrar as causas que desencadearam tais acontecimentos. Na verdade, favorecem alguns pontos de vista, e recontam a história sob um viés de causas pessoais, ou seja, personificam as causas e a própria história, onde acontecimentos políticos são retratados na medida em que fazem sentido para a vida pessoal das personagens históricas.

É com a ajuda de recursos ficcionais que as obras constroem um mundo imaginário que possivelmente compôs alguns acontecimentos históricos. Essa reconstrução de como a história pode ter acontecido se dá por meio de narrativas modernas, numa estreita relação entre literatura e televisão. O que, na verdade, essas narrativas televisivas mostram é a criação de uma realidade a partir das imagens e novas possibilidades de escrita, ou seja, uma revisão do que já foi visto. Há dois momentos de releitura quando falamos de obras de ficção baseadas na história, a do autor das minisséries, sobre as informações históricas consultadas, e a dos telespectadores, sobre a interpretação proposta pelo autor e oferecida pelas minisséries, que criam novos sentidos para fatos já conhecidos.

As minisséries históricas são uma espécie de ficção controlada, pois trabalham sentidos históricos articulados a elementos de ficção. Através do audiovisual a representação de uma época é criada e com ela uma memória vai sendo construída, com o uso de imagens que geram identificação com o presente vivido a partir do passado elaborado pelos autores das minisséries. Essa transição entre fatos históricos, registros oficiais, discursos de historiadores, textos literários

até minisséries históricas mostra a evolução de alguns elementos e a perda de outros, numa transformação de linguagem e de tempo que pressupõe mudanças, mas mantém vestígios históricos criando a ideia de ficção controlada.

4 Dom Pedro I sob o olhar de seu intérprete

Dar vida a uma figura histórica é diferente de interpretar um personagem fictício. O intérprete de D. Pedro I na minissérie ***O Quinto dos Infernos***, o ator Marcos Pasquim^{iv}, contribui para nossa reflexão com suas impressões acerca dessa experiência, ao falar do desafio de emprestar sua imagem a um personagem real e histórico, que, de algum modo, é conhecido por todos os brasileiros.

Ao iniciar suas observações sobre as minisséries históricas, Pasquim começa dizendo que o personagem apresentado pela minissérie ***O Quinto dos Infernos*** era diferente da construção pessoal que ele tinha da figura histórica de D. Pedro I. *“A ideia que eu tinha de D. Pedro, não é aquele D. Pedro que a gente fez, eu acho que D. Pedro não era tão carismático como a gente fez, acho que D. Pedro era mais ranzinza, mais agressivo, mais imperativo.”* No entanto, ressalta que adorou representar o personagem e diz que o Brasil queria ver esse anti-herói carismático e apaixonado pelo Brasil, o que, segundo seu interprete, ele realmente era.

O ator, através de sua fala, reitera a ideia de que a densidade psicológica das personagens históricas construída pelas minisséries é importante para a compreensão de fatos políticos representativos para a construção do Brasil enquanto nação, com a seguinte afirmação: *“Aquele cara que a gente vê na escola que levantou a independência ou morte, a gente só vê em foto, aquela foto só é uma historinha mais ou menos. Quando a gente vê a coisa andando, ou o personagem falando, a gente cria aquilo na nossa mente”* E isso, segundo o ator, é importante.

Pasquim retoma a ideia de que se fosse criar um D. Pedro, não seria aquele que nós vimos na minissérie, mas como criou a partir de um texto do qual não foi autor, ou seja, criou um D. Pedro a partir da visão do autor Carlos Lombardi, sobre essa figura histórica, gostou da criação. E complementa dizendo que se envolveu com o personagem na época em que a obra foi produzida e que se a ideia que ele tinha de D. Pedro era outra, antes da minissérie, passou a acreditar no D. Pedro criado por Lombardi.

O intérprete de D. Pedro I lista alguns fatos históricos que tiveram destaque na trama escrita por Lombardi e que o tocaram de maneira particular. Segundo Pasquim, a cena da independência foi incrível de fazer, e relata: *“As cenas históricas que vimos, normalmente, em quadros mostram uma guarda real enorme atrás dele, e isso não aconteceu. Foram realmente só três ou quatro soldados que estavam junto com ele e isso eu acho relevante”*, conclui o ator. Outros pontos históricos apresentados pela obra e destacados por Pasquim foram a construção ficcional do dia do Fico, a morte de Leopoldina, primeira esposa de D. Pedro I, e a abdicação do trono brasileiro em nome do filho D. Pedro II.

Ao falar da aparência da figura histórica de D. Pedro, Pasquim acredita que a construção feita pela minissérie se aproximou da realidade. Segundo o ator as pessoas acreditavam que nos quadros pintados na época os pintores modificavam um pouco a imagem de D. Pedro, fazendo seus cabelos menos anelados e mais claros. *“E eu como tenho os cabelos anelados... o próprio Lombardi, as pessoas da arte, da pesquisa, acharam que eu era bastante parecido.”*

A forma com que D. Pedro I é apresentado por seu próprio intérprete mostra como a reconstrução ficcional de uma figura histórica coloca em indagações do presente a partir de rastros do passado. O ator, ao relatar suas impressões sobre esse personagem antes e depois de interpretá-lo na minissérie, nos alerta para as possíveis releituras que as obras ficcionais de cunho histórico apresentadas pela televisão nos oferecem. Ou seja, a midiaticização da narrativa histórica reflete em diferentes graus de afetação em cada telespectador, dependendo do contexto em que cada um está inserido, uma vez que a partir das minisséries, os telespectadores têm a possibilidade de estar diante da representação de uma realidade histórica produzida sob um olhar ficcional por meio da televisão.

5 Humor e Ficção Televisiva

Humor e ficção são ingredientes que compõem a minissérie televisiva *O Quinto dos Infernos*, uma vez que a obra traz aos telespectadores a midiaticização da narrativa histórica de forma satírica. Ao tentar entender como o humor está vinculado à história e de que forma o tema é trabalhado em uma minissérie histórica, é possível perceber até que ponto se faz um humor “pastelão” e quais

momentos trazem um humor refinado e inteligente, que possibilita uma compreensão diferenciada da história nacional.

Sigmund Freud (1938) acredita que o humor faz parte das histórias, como se ao tornar um acontecimento algo mais “leve” esse fosse mais fácil de ser absorvido pelas pessoas. Para explicitar suas ideias sobre os chistes, faz a seguinte afirmação:

Um novo chiste age quase como um acontecimento de interesse universal: passa de uma a outra pessoa como se fora uma notícia da vitória mais recente. Mesmo homens eminentes que acreditam valer a pena contar a história de suas origens, das cidades e países que visitaram, das pessoas importantes com quem conviveram, não se envergonham de inserir em suas autobiografias o relato de algum chiste que acaso ouviram. (FREUD, 1938, p. 10)

Partindo dessa afirmação de Freud, podemos dizer que acontecimentos contados com humor e ficção são mais facilmente absorvidos e transmitidos de pessoa para pessoa. Por isso as minisséries televisivas que midiaticizam a história e uma determinada época costumam ser mais atraentes que os livros didáticos sobre o assunto^v, e dessa forma seduzem os telespectadores, que passam a acompanhar as tramas, buscando se entreter e se informar sobre história. Segundo Freud, as técnicas dos chistes apontam para os mesmos processos psíquicos da formação dos sonhos. “Sendo tão abrangente, dificilmente será um puro acaso tal concordância entre os métodos da elaboração do chiste e aqueles da elaboração do sonho.” (FREUD, 1938, p. 57)

As obras de ficção televisiva, frequentemente, utilizam humor para contar suas histórias, buscando entreter e cativar seus telespectadores. As séries de ficção, segundo Armand e Michele Mattelart (1989), precisam ser consideradas como a interface das estratégias de valorização do capital nas indústrias culturais e da memória coletiva em suas formas de narrativa. Os autores citam a frase do diretor Marcel Blurval onde esse diz: “A série é caso para contador de histórias.” (MATTELART, 1989, p. 178), para instigar o debate sobre as séries de ficção. As releituras midiáticas da história produzidas pela televisão através das minisséries têm uma narrativa diferente da histórica, uma forma de narrar sem preocupação excessiva com datas e nomes, um relato mais “solto”, contando histórias, ao mesmo tempo em que buscam entreter e cativar o telespectador.

Nesse horizonte desenha-se outro paradigma, segundo Mattelart: o do reconhecimento do sujeito e da pertinência de uma teoria por parte das percepções deste indivíduo. A subjetividade de interpretação de cada um entende a comunicação como um processo dialógico onde a verdade, que não será mais única, nasce da subjetividade.

Dentro dessa noção de subjetividade, os autores fazem a seguinte afirmação: “Contra o herói da teoria, contra o herói da produção, contra o herói da história, lança-se o *status* do homem sem qualidade” (MATTELART, 1989, p. 201). As minisséries constroem em suas representações da história personagens mais envoltas em sua subjetividade do que, normalmente, os apresentados pelos livros históricos, dando ênfase para a densidade psicológica dessas figuras históricas. Já não são mais heróis, mas homens sem qualidades, como fala Mattelart. Em *O Quinto dos Infernos*, D. Pedro I é representado como um anti-herói, no entanto, paradoxalmente, suas características negativas não desfazem a simpatia da personagem, que pode ser entendida como encantadora em seus valores éticos e na representação de seu amor pelo Brasil.

A forma com que entendemos as personagens, representadas pelas releituras televisivas, pode estar ligada a fatores internos ou externos, pessoais ou sociais, uma vez que essa visão demonstra o poder de modificação da realidade feita pelo observador. A visão que temos da história, do passado e da memória nacional, a partir de uma obra de entretenimento, produzida pela televisão, faz com que, segundo Eric Hobsbawm (1998), nos reconheçamos membros de uma comunidade humana, situando-nos em relação ao nosso passado, ainda que seja para rejeitá-lo. O passado é, portanto, conforme Hobsbawm, uma dimensão da consciência humana, um comprovante inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade contemporânea.

Em *Como se escreve a história* (1998), Paul Veyne nos diz que a história é anedótica, pois interessa porque narra, assim como o romance, sem ter, no entanto, o compromisso de ser cativante. Mesmo assim, é inegável que uma história que consegue ser cativante, que traz humor, é muito mais abrangente, tem o poder de se espalhar, para além dos livros, ou no nosso caso, para além das telas das televisões, circulando na sociedade.

A história biográfica e anedótica é a menos explicativa, mas a mais rica do ponto de vista da informação, já que considera os indivíduos nas suas particularidades e detalha, para cada um deles, as nuances do caráter, a sinuosidade de seus motivos, as etapas de sua deliberação. (VEYNE, 1998, p. 26)

A afirmação de Veyne dá força à ideia de que a mediação da narrativa histórica em minisséries de época faz sucesso porque vai além da história, busca uma narrativa biográfica, romanceada, que seduz os telespectadores, pois passa da condição de documento histórico para tornar-se um programa de entretenimento. Dentro dessa visão as minisséries são obras que apresentam personagens históricas de forma mais completa, mais próxima do telespectador, apresentando seu caráter e os motivos de suas decisões.

6 Comentários finais

Todo fazer história é um comentar sobre história, no entanto, às vezes fica nítido que o relato parte da observação de algum personagem, mesmo que esse não seja o narrador. Outras vezes, o autor parece não querer refletir uma realidade, mas fazer pensar sobre suas ambiguidades, ou seja, busca através das obras fazer seu comentário, numa ação construtiva, não sobre os fatos históricos, mas buscando atribuir sentidos a eles.

A televisão por meio da mediação das narrativas históricas funciona como elemento mediador entre o histórico e o ficcional, e mostra sob que pontos de vista a história está sendo contada. As minisséries que fazem uso da paródia ou da sátira, trazendo suas cores exageradas e seus personagens igualmente exagerados, são uma forma curiosa de contar a história nacional, pois abandonam o olhar mais óbvio dos fatos, ou seja, a visão comumente padronizada pelos livros, para propor interpretação livre e divertida do que aconteceu.

Todas as vezes que pensamos nas personagens marcantes da história e na construção do Brasil, através das épocas, estamos revivendo acontecimentos e dando uma nova interpretação a esses fatos. Ao estudar as maneiras de contar a história, através de releituras televisivas a partir de minisséries históricas, abrimos uma “porta” para o passado e começamos a enxergar com outros olhos os fatos históricos e as importantes personalidades que marcaram a época. É como se fosse possível libertar “fantasmas”, reviver memórias a partir de fragmentos do passado.

Referências

BURKE, Peter. **Visto y no visto – el uso de la imagen como documento histórico**. Barcelona: Biblioteca de Bolsillo, 2005.

CARDOSO FILHO, Ronie. **As minisséries nos processos da TV: o caso Hoje é Dia de Maria**. Tese, Unisinos, 2009

FIUZA, Sílvia Regina de Almeida (coord.). **Dicionário da TV Globo**. V. 1: Programas de dramaturgia e entretenimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. V. VIII, tradução James Strachey. New York: Random House, 1938.

Guia Ilustrado TV Globo: novelas e minisséries/ projeto memória globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **O carnaval das imagens. Ficção na TV**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

TESCHE, Adayr. **A midiaticização da história nas minisséries da Globo**. In: Unirevista, vol. 1, nº 3, ALAIC, São Leopoldo, 2006.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 4ª Ed., 1998.

Site: **Memória Globo** <http://memoriaglobo.globo.com/> Acessado em 20 de outubro de 2010.

Michelli Machado é mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e pesquisadora do Grupo OBITEL. E-mail: michelli_machado@yahoo.com.br

Notas

ⁱ Quanto ao número de minisséries exibidas pela Rede Globo há uma discordância de dados. Em algumas pesquisas, vide CARDOSO FILHO, Ronie. *As minisséries nos processos da TV: o caso Hoje é Dia de Maria*. Tese, Unisinos, 2009 e FIUZA, Sílvia Regina de Almeida (coord.) *Dicionário da TV Globo*. V1: Programas de dramaturgia e entretenimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, chegam a ser contabilizadas 70 minisséries. No entanto, segundo o site Memória Globo (<http://memoriaglobo.globo.com/>) e o livro *Guia Ilustrado TV Globo: novelas e minisséries/ projeto memória globo*, de 66 obras classificadas como minisséries, as outras quatro que aparecem a mais constam no site e no livro da Rede Globo.

ⁱⁱ O Chalaça – Francisco Gomes da Silva, que futuramente será o ministro de D. Pedro I no Brasil.

ⁱⁱⁱ A Marquesa de Santos

^{iv} Entrevista concedida à pesquisadora dia 12 de agosto de 2010.

^v Tal afirmação é verdadeira quando pensamos nas lógicas midiáticas, no entanto, para um estudioso, é possível que o livro didático seja mais atraente.